

## A morte da jaguarana

— Mas, padre, pelo amor de Deus, acabe a sua história — pediu Maria da Penha, pálida, os olhos uma beleza de tão grandes e brilhantes. — E a onça-preta?

— Fiquei esperando, D. Penha, até que a onça alisasse a cara. Mas ela custava, continuando a ringir os dentes e a rosnar. Então a provoqueei: avancei mais um passo, mais outro, e desviei o meu olhar dos olhos dela... Foi então que a onça riu.

— Riu, padre? O senhor está falando sério?

— Riu, sim, D. Penha. Riso de deboche... Vi quando os olhos em brasas se apertaram e os bigodes se moveram... Vi as presas enormes e muito brancas começando a brotar dos cantos da boca, arreganhando-se numa risada... Onça é assim: ri mesmo, mal percebe no caçador qualquer sinal de vacilação. Ri e vem. Grande caçador, o Vasco da Vacaria, que me ensinou

aquele truque importante! Eu desviara dos olhos da onça apenas um dos meus olhos, mantendo o outro firme na sua cara. Difícil, aquilo; levei meses treinando... A onça veio, rindo, com os braços se fechando sobre minha cabeça... Só espetei a zagaia quando o círculo de luz do foco da lanterna, bem desenhado no pêlo ralo do peito do animal, diminuiu até ficar do tamanho dum prato desses comuns — a ponta da zagaia bem no centro da claridade... Um empurrão só, larguei a zagaia e saltei de lado... Justinho a tempo do primeiro coice que ela me desfechou, com uma das pernas armada com as cinco navalhas daquelas unhas em meia-lua... No mesmo instante a lanterna se apagou...

— Credo, padre! O senhor ficou no escuro? — nem o Daíco resistiu, e acabou intrometendo-se.

— Não, acendi a outra, a pequenita, de reserva. Só para assistir ao final. A pobre morria com o palmo e meio enterrado no coração. Ela mesma se incumbira de fincá-lo até à espera. É o instinto que a leva a abraçar-se com a zagaia e acabar de enterrá-la no próprio corpo. Mal se sente ferida, agarra com unhas e dentes o cabo da zagaia e aperta-o contra si num abraço de morte... Durou pouco a coitada da jaguarana: acabou-se num tufo de sangue quente que ainda ficou muito tempo escorrendo pelo chão da loca de pedra...

PALMÉRIO, Mário. *Vila dos Confins*. 17. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976. p. 90-2.



### Vocabulário

**jaguarana:** onça-preta

**presa:** dente canino ou de fera

**vacilação:** hesitação, dúvida, indecisão

**zagaia:** espécie de lança curta

**incumbir:** encarregar

**tufo:** borbotão; golfada que sai de uma vez; jorro

**loca:** buraco, caverna, esconderijo

### Para compreender melhor o texto

1. O texto é predominantemente narrativo. Justifique essa afirmação.
2. Quais são as personagens da narração?
3. Cite a passagem na qual o narrador informa que só espetou a zagaia na onça quando ela estava próxima.
4. Sabe-se que o texto é narrativo. E quanto ao seu discurso, é direto ou indireto?
5. A surpresa e o detalhe nas descrições tornam a leitura interessante ou cansativa? Por quê?
6. O texto é um bom exemplo de narrativa de ficção. Por quê?

## **Respostas:**

1. O texto faz o relato de uma história com início, meio e fim. Há personagens, ação, enredo, clímax.
2. Padre Sommer, Maria da Penha e Daíco.
3. “...quando o círculo da luz do foco da lanterna, bem desenhado no pêlo ralo do peito do animal, diminuiu até ficar do tamanho dum prato...”
4. Direto, pois nos diálogos reproduz-se exatamente a fala das personagens.
5. Interessante, porque aguça a curiosidade do leitor e valoriza o desfecho da história.
6. Porque a história, ainda que verossímil, tem muitos aspectos que são fruto da imaginação criadora do narrador.

[portuguessos.blogspot.com](http://portuguessos.blogspot.com)